434

Pequenas ficções de memória, de Zainne Lima da Silva

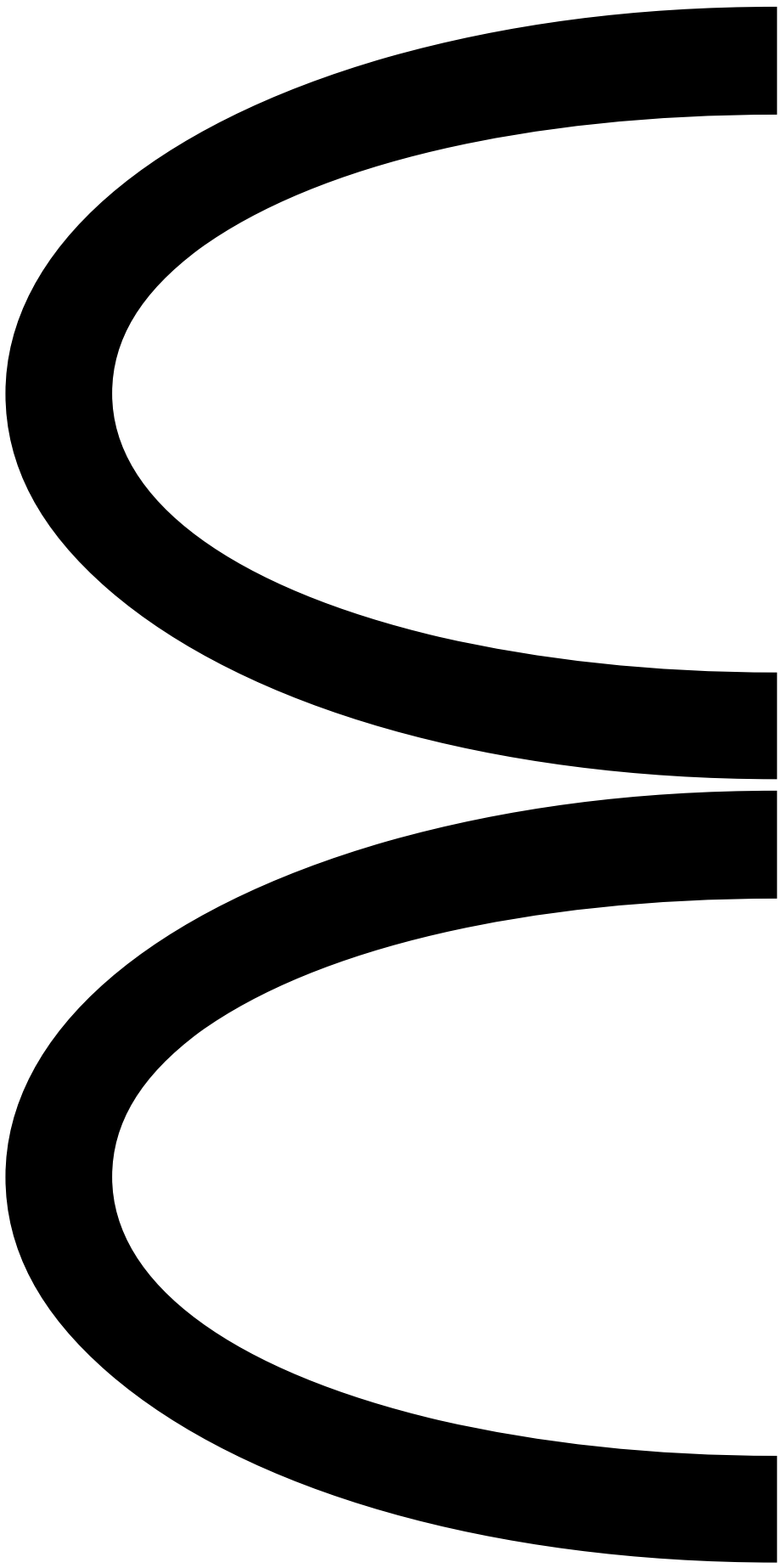
Rafael da Cruz Ireno

DOI 10.11606/ISSN.2447-8997.TERESA.2020.158029

No caminho da palavra

ZAINNE LIMA DA SILVA.
Pequenas ficções de memória.
Editora Patuá, 2018.

Rafael da Cruz Ireno



m 2018, Zainne Lima da Silva lançou, pela editora Patuá, *Pequenas ficções de memória,* sua primeira publicação solo. Apesar de ser uma estreia, a escritora taboanense de 24 anos já possuía uma estrada literária considerável: foi finalista do Programa Nascente, concurso organizado pela Universidade de São Paulo, em 2016 e nas duas edições seguintes. Publicou em revistas acadêmicas e também

na antologia *Jovem Afro* (Quilombhoje). Tem textos nos livros *Raízes: resistência histórica* (Coletânea Raízes) e *As coisas que as mulheres escrevem* (Desdêmona), destacando-se ainda sua participação no número 42 dos *Cadernos Negros*, o nascedouro de grandes nomes da literatura afro-brasileira, como Geni Guimarães, Cuti e Conceição Evaristo. Além disso, frequenta os saraus das periferias de São Paulo.

Ao lado de Geovani Martins com *O sol na cabeça* (Companhia das Letras, 2018), Zainne representa uma das principais estreias literárias, em termos de potências da periferia. Nos dezessete textos divididos em três partes – "Lembranças", "Reminiscências" e "Recordações" –, demonstra uma distinta competência técnica na hora de formular suas histórias, que envolvem-se de leituras e escutas de sua ancestralidade negra. Ao longo do livro, a autora manifesta uma imensa inquietude com a palavra, que chega, até certo ponto, a ser violenta e dilacerante. As narrativas são quase todas em primeira pessoa e a escrita parece encarnar um processo simultâneo de salvação e danação para a narradora. Inclusive, essa circunstância entroncada entre cura e punição, entre a necessidade de falar e a dor do que se diz, causa uma espécie de dilema, de negação interna da sua própria poesia:

> você pixa eu limpo, você grita eu calo, se você tentar fugir eu te bato, bato, mato. acende o baseado, bota fogo no estádio, espanca sua mulher se a tua pele é alva mais que a neve porque teu deus te perdoa e o Estado não zoa. pinho sol é coisa de bandido assassino terrorista. a bala na boca da menina, as quatro balas na testa do meu pai, a pipoca estralada no peito de homens tratados como animais – nenhum esquadrão bombeia o coração de quem tem kit favela. eu nunca mais escrevi poemas porque me falta a poesia. eu me resto na prosa, em sentenças muitas [...]. (p. 95)

No entanto, o ritmo, as rimas internas, as interseções dos sentidos e sons, por exemplo, das palavras *testa*, *pai, bala*, *pipoca, peito* com o verbo *estralar*, contradizem isso – a prosa não é suficiente em *Pequenas ficções de memória.* As crônicas apontam todo o tempo na direção do verso. E, justamente, em "Reminiscências", a segunda parte, quando se inaugura um espaço de intimidade, onde o "eu" se expõe falando num caleidoscópio de amor, fossa, insegurança, sexo, morte, segredos, suicídio, fazendo do desejo um ensejo político, atinge-se o clímax do livro. A poesia se exprime com menores restrições e a linguagem consegue se corporificar num estilo particular. Isso acontece pontualmente nas outras seções, mas se vê um estrangulamento entre o direito à fruição, à vida e ao gozo, que são cortados pela violência, pelo abatimento e pela morte, provocando ruídos na forma, como neste trecho:

> Eu dançava mais para a música que para a dança, meus pés quentes se esfregavam no piso grudento de respingo de bebida alcoólica. De início,

em dança malemolente, nossos corpos já pareciam ser um só corpo. Os beijos dele começaram em minha nuca. Suas mãos em meus quadris. O zíper da calça dele aberto. Nossas línguas travando longos diálogos de surdos.

Saltou de mim a voz que disse: amar é o elo entre o mar e o Marcelo. Ele sorriu longamente e recitou "estrela pequenina" como se me pedisse o telefone. Dei mais que isso. Fomos a um corredor e afastei minha calcinha de dentro de minha saia. Penetrou-me lentamente, ainda dançando. Subiu em espiral um grito profundo de gozo. Ele tremeu por inteiro, desencapado.

O desejo só passaria se eu morresse, e eu nunca conseguia realmente morrer. O cotidiano é todo de pequenas mortes, mortes conta-gotas. Mortes que matam lentamente, botando a ver inúmeros pares de olhos. Antes de João levar quatro balas na cabeça dos polícia; antes de o menino Eduardo ficar preso no colo de dona Cecília, sangrando pela bala perdida do tiroteio de sexta; antes de saber que Stephany foi estuprada na Fundação Casa; antes de acontecer, eu previ. (pp. 38-39)

Aqui, o desejo ocupa igualmente uma dimensão política, impondo o corpo no mundo, os olhos, pés, boca, nuca, quadris, línguas, os sexos dançando, o movimento, a malemolência; daí, então, a lembrança do cotidiano assassino amputando prazeres, transformando em poucas linhas a matéria viva em cadáveres. Contudo, a cisão se perfaz colocando de um lado o erotismo (que é uma importante dimensão da escritora) e, de outro, a morte – o último parágrafo poderia ser lido independentemente dos outros sem prejuízo, mas com um significativo enfraquecimento formal. Em outras narrativas do livro, como "O discurso sobre a dor e Nau" ou "Meus pés no chão do apocalipse", não se observa esse problema, ou seja, os elementos não estão dicotomizados. Ao invés disso, são filtrados pela narração em primeira pessoa antes de serem expelidos. Seja dito de passagem, as questões da autora ganham maior intensidade com esse processo estético, diminuindo a distância entre o leitor e ela, já que estipula um acordo verossímil entre os dois, um diálogo, e, depois, formaliza de maneira mais efetiva um dos projetos do livro – e de grande parte da literatura periférica e afro-brasileira, que, além de denunciar a violência da sociedade, incumbe-se da emergência de intervir materialmente na realidade. Assim como Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, Zainne se apropria da literatura como uma arma.

Embora de escrita clara, trata-se de uma obra de difícil digestão. A fruição é intermitente, agarrada, ninguém sai ileso dessas quase cem páginas, nem os leitores, nem a própria escritora. Aliás, nem o crítico – a análise também é árdua, visto que as ferramentas apreendidas na universidade aparentam insuficientes, ou melhor, não captam bem as questões colocadas pela escritora. Sabe-se que a teoria literária tem dificuldade para estudar, de modo geral, o contemporâneo

e, dentro dele, a literatura afro-brasileira e periférica. Em muitos casos, obras de tons identitários (negras, indígenas, LGBTS, periféricas etc.) são recebidas apenas como "demandas sociais", alijando delas a condição de expressão artística – a dimensão subjetiva do ser humano.

A propósito, é muito comum que tais manifestações artísticas sejam lidas apenas como um testemunho, um documento, da violência e da miséria do Brasil. Isso, como único viés de leitura, além de revelar preconceitos brasileiros, empobrece a avaliação da crítica, engessando (e aqui a palavra se refere também ao efeito de deixar tudo branco através do gesso) os debates, porque não se põe na roda as problematizações estéticas consolidadas de uma escritora como Geni Guimarães, por exemplo, nem aquelas formulações ainda em construção de nomes como, entre outros, Cristiane Sobral, de Brasília, Luz Ribeiro e Akins Kinté, de São Paulo, e Jeferson Tenório, de Porto Alegre. Efetivamente, foram os anos de Cooperifa, que me possibilitaram identificar que certas narrativas de *Pequenas ficções de memória* atendem a uma demanda externa, como se respondessem de fora para dentro – típicas urgências da leitura nalgum microfone, nalgum espaço coletivo, que ao serem transcritas perdem a força, sem a materialidade da voz e do corpo negro. No caso de Zainne, porém, isso não se refere a um grande empecilho, pois a maturidade naturalmente afinará as escolhas de seus textos para os próximos livros.

O fato de compartilhar os mesmos lugares tanto na periferia (saraus, movimentos sociais, ônibus cheio) quanto na academia (aulas, concursos, professores, discussões) não me colocou numa posição privilegiada, como eu esperava, para a leitura da obra. Na verdade, o detalhe resultou quase insignificante no que concerne à minha crítica, devido a um intervalo entre teoria e prática, assim como entre nós dois: ela é uma mulher negra no Brasil, coisa que de modo evidente se sobrepõe ao nosso percurso tão parecido – porém, mais do que isso, sua expressão artística se funda completamente nessa experiência. É essa distância que a teoria literária tradicional precisa compreender. Zainne Lima da Silva, no que lhe diz respeito, cobra a diferença desde o começo, deixando claro para que vai escrevendo. Não por acaso, ela abre os trabalhos com um prefácio chamado "Adianto", no qual traça a genealogia de seu próprio nome, demonstrando como o processo histórico apagou, geração após geração, o lado feminino para transmitir a herança do patriarcado, "como se os homens tivessem em si o algoz do estupro e do abandono". Por isso, reivindica

> uma nova forma de escrever história, a reverência às mulheres muitas que pariram o Nordeste. que sejam queimados os livros de homens brancos que inventaram nossa história; que sejam queimados os livros de mulheres brancas, ainda poucas, que relataram tortuosamente nossa história; os livros raros dos homens negros que ousaram subverter o racismo embrenhado na intelectualidade brasileira ponhamos à espera, para o caso

> de possíveis comparações teóricas; exijo uma história escrita pelas mulheres pretas e indígenas. (p. 12)

Pequenas ficções da memória se destaca por se lançar sem limites nessa procura, ora caindo em certas veleidades, como eliminar letras maiúsculas ou acrescentar símbolos gráficos (@ ou $), ora, com distinta sobriedade, trabalhando as confluências entre os aspectos da experiência real e da fabulação, escrevendo a partir do cotidiano, das lembranças, dos traumas, da própria vida, aproveitando da melhor maneira o conceito de "escrevivência" de Conceição Evaristo, que tem como prerrogativa, por sua vez, a seguinte frase: "A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos". A potência de Zainne está no fato de fazer isso através da palavra, de apresentar uma formulação já complexa, apesar de sua pouca idade, com pressupostos bem definidos. O livro caminha para dentro de si, numa fronteira delicada entre realidade e literatura. Imagens fortes como os quatro tiros na cabeça de um homem, a morte do pai, a marcenaria, o atropelamento, são repetidas de diferentes ângulos, demonstrando uma apropriação através da literatura, uma transformação, um caminho, espero eu, mais de cura que de punição.

Não se pode esquecer, no entanto, de que essa busca por si só configura um ímpeto doloroso, uma vez que exige um mergulho nas inumeráveis injustiças de uma sociedade que tenta reprimir o passado escravocrata; negar seu presente racista, porque, justamente, baseia o futuro de seus regimes sociais, econômicos, culturais e literários na exploração e marginalização do corpo negro. Se por um lado, nesse movimento artístico, inscreve-se a valorização, a exaltação, a consciência da negritude e a certeza de não estar sozinha, por outro, têm-se as contingências da vida, da fome, saúde, segurança, falta de perspectivas e, finalmente, o medo da morte matada no Brasil, país com índices inaceitáveis de negros assassinados, encarcerados e colocados em condições diversas de vulnerabilidade pelo Estado. A voz de Zainne, então, para retomar o livro *Peles negras e máscaras brancas*, de Franz Fanon, cava na própria carne para encontrar um sentido para si. A única coisa que resta fazer é desejar que ela siga a seu encontro.

RAFAEL DA CRUZ IRENO faz doutorado em cotutela entre a USP e a Sorbonne Nouvelle. Interessa-se pela relação entre poesia e política. Também é resenhista do site *Letras in.verno e re.verso* e mantém o *Amiúdo*, seu blog pessoal.